

A CONSTRUÇÃO DA CONSCIÊNCIA HISTÓRICA A PARTIR DO CONTEÚDO DE EGITO ANTIGO NAS TURMAS DE SEXTOS ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL NA CIDADE DE PELOTAS¹

JÉSSICA RENATA SANTOS SILVA¹
LISIANE SIAS MANKE³

¹Universidade Federal de Pelotas — jessicarenatassilva@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas Orientador — lisianemanke@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresentará a proposta do projeto de pesquisa de mestrado submetido ao Programa de Pós-Graduação em História (PPGH) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). O estudo tem como finalidade analisar a constituição da consciência histórica dos estudantes da Educação Básica, de modo mais específico no que se refere aos conhecimentos adquiridos sobre Egito Antigo. Aqui compreendemos como consciência histórica:

se entende por consciência histórica a suma das operações mentais com as quais os homens interpretam sua experiência da evolução temporal de seu mundo e de si mesmos, de fora tal que possam orientar, intencionalmente, sua vida prática no tempo. (Rüsen, 2010, p. 57).

Nossa intenção é identificar, por meio das narrativas dos alunos, como o Egito Antigo é ensinado e aprendido nos espaços escolares, através da análise dos conteúdos programáticos da escola. Para esse propósito foram selecionadas duas turmas do sexto ano: a) *Colégio Estadual Felix da Cunha*, turno da tarde, localizada no centro de Pelotas; b) *Escola Municipal de Ensino Fundamental Olavo Bilac*, turno da manhã, localizada na região periférica de Pelotas.²

Segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) do ano de 2017 (p. 356–357), a área das Ciências Humanas tem o papel de contribuir com a construção do conhecimento, instigando os alunos a se enxergarem como sujeitos inseridos em uma sociedade. Ao que tange ao campo da História, a BNCC prevê, o desenvolvimento da autonomia do pensamento reconhecendo-se como sujeito histórico (BRASIL, 2017, p. 400).

O espaço previsto para a discussão dos conteúdos da Antiguidade na BNCC se restringe a unidade temática denominada de “A invenção do mundo clássico e o contraponto com outras sociedades”, dando maior ênfase no ensino das sociedades clássicas, Roma e Grécia Antiga.³ Essas sociedades Antigas denominadas de “orientais” são designadas aos sextos anos do Ensino

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Brasil (CAPES) — Código de Financiamento 001.

² Entendemos como periférica, a região mais afastada do centro da cidade.

³ É importante ressaltar que a primeira versão da BNCC de História, reduziu a presença dos conteúdos de História Antiga, acarretando inúmeras manifestações de repúdio, resultando na elaboração da versão definitiva de 2017. Para exemplo de manifestações contra a primeira versão ver Manifestação pública da ANPUH sobre a Base Nacional Comum. Disponível em <http://site.anpuh.org/index.php/2015-01-20-00-01-55/noticias2/noticiasdestaque/item/3352-manifestacao-publica-da-anpuh-sobre-a-base-nacional-comumcurricular>. Acesso em: 10/08/ 2022

Fundamental nos currículos escolares. Em especial, o ensino do Egito Antigo, presente no segundo bimestre letivo, normalmente, desperta um grande fascínio nos estudantes. As informações transmitidas acerca dessa temática, muitas vezes carregam uma visão ocidentalizada, contribuindo para que os alunos tenham a percepção de um Egito “místico, exótico e fantasiado” (SAID, 2007, p. 31), neste caso, o Egito antes mesmo de ser abordado na sala de aula, já é um conteúdo que de alguma forma os estudantes possuem contato em práticas de sociabilidade não escolares. Uma vez que, as concepções que os estudantes têm sobre o Egito Antigo acabam sendo geradas por produções áudio-visuais, HQs, livros, documentários, etc (FUNARI, 2004, p. 19).

2. METODOLOGIA

A pesquisa será desenvolvida em 4 etapas, tendo como principal metodologia a coleta e observação do espaço escolar de cunho etnográfico. A partir de duas turmas de sexto ano, do Ensino Fundamental II, localizadas no município de Pelotas-RS, desenvolvemos as seguintes etapas de coleta de dados são: a) aplicação de questionários com 13 perguntas a fim de levantar os conhecimentos dos alunos acerca do Egito Antigo, antes que o conteúdo seja abordado em sala de aula; b) observação das aulas ministradas pelos professores para compreender o tratamento dado ao conteúdo pelos professores; c) reaplicação do questionário para constatar ou não a mudança nas respostas dos estudantes; d) realização de entrevista semi-estruturada apenas com os alunos que demonstrarem interesse pelo conteúdo já mencionado.⁴

No dia 25 de maio de 2022, foi elaborado uma coleta de dados teste, aplicada em uma turma de sexto ano, da *Escola Estadual de Ensino Fundamental Dom Joaquim Ferreira de Mello*. Nosso intuito consistia em aperfeiçoar o instrumento de coleta (questionário), posteriormente utilizamos como base os resultados obtidos para aprimorar a versão definitiva deste. Devido à diferença de cronogramas entre escolas, a aplicação da primeira e segunda etapa ocorreram em períodos distintos: no dia 6 de junho, em dois períodos, aplicamos 14 questionários na *Escola Estadual Felix da Cunha*. No dia 20 de junho, ocorreu a segunda etapa, a observação, encerrando no dia 1º de agosto. A terceira e quarta etapa está prevista para ser realizada entre os meses de setembro e outubro⁵.

No dia 9 de agosto, em dois períodos, ocorreu a aplicação de 18 questionários na turma de sexto ano, da *Escola Municipal de Ensino Fundamental Olavo Bilac*. A segunda etapa, observação, se dará, entre os dias 15 e 30 de agosto.⁶ A execução da terceira e quarta etapa ocorrerá entre os meses de outubro e novembro.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A divulgação da primeira versão da BNCC, lançada na segunda metade de 2015, trouxe à tona as disputas e tensões entre as áreas de História, principalmente pela ausência da História Antiga no currículo. Diversos discursos a favor da renovação do currículo nacional utilizavam o argumento de que o ensino

⁴ Para a execução da primeira etapa, será reservado 2 períodos; a segunda, entre 3 a 4 semanas; a terceira, 2 períodos; e a quarta, 3 períodos.

⁵ Após a reforma do currículo, a disciplina de História na rede estadual do Rio Grande do Sul dispõe de apenas 2 períodos semanais.

⁶ A disciplina de História na rede municipal da cidade de Pelotas, dispõe de 3 períodos semanais.

de História necessitava se desprender do tradicionalismo e se desvincular da chamada história eurocêntrica. Para os defensores do fim de uma História tradicional, o inimigo se apresentava na presença da História Antiga, centro de uma História eurocêntrica. Essa ausência, deixou claro que o campo de História Antiga precisa desenvolver pesquisas relacionadas ao Ensino de História. Entretanto, desenvolver pesquisas no campo do ensino de História Antiga necessita de uma grande força tarefa, visto que, existe uma grande desigualdade entre pesquisadores da História Antiga Ocidental e Oriental. Se tratando das pesquisas sobre o Egito Antigo, é escassa as produções que se dedicam a problematizar o ensino do Egito na sala de aula, menos significativas ainda são as pesquisas sobre a circulação da história do Egito fora do espaço escolar, dificultando o desenvolvimento de materiais didáticos de qualidade e que responda às expectativas e carências dos estudantes.

Considerando a falta de pesquisas relacionadas ao ensino de Egito Antigo, esse projeto utilizará os debates realizados pelo campo da Didática da História, especialmente a partir dos conceitos de “aprendizagem histórica” e “consciência Histórica”. Para Rüssen (2010), a consciência história é algo que faz parte de todos nós, independente do grau de conhecimento do invidio, é a partir da análise visaremos identificar e analisar o desenvolvimento da consciência histórica dos alunos por meio da exposição ao conteúdo pragmático do Egito Antigo.

4. CONCLUSÕES

Até o momento nossa pesquisa realizou duas etapas da coleta de dados, tendo 32 questionários coletados. A partir da análise inicial, pudemos perceber que os alunos apresentam um conhecimento superficial sobre o Egito Antigo. Podemos utilizar como exemplo dessas percepções, a associação de elementos caraterísticos do conteúdo, como: as pirâmides; as múmias; o deserto; os sarcófagos; e escravos. Também é importante ressaltar que, embora os estudantes tenham apontado pontos clássicos, essas breves informações nos demonstram que, mesmo superficiais, há um contato com o conteúdo de Egito Antigo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. **Base Nacional Curricular Comum**. Brasília: MEC. 2015.

BRASIL. **Base Nacional Curricular Comum**. Brasília: MEC. 2017.

CARDOSO, C. F. S. **Sociedades do Antigo Oriente Próximo**. São Paulo: Ática, 1986.

CARVALHO, A. G. Diálogos entre a História Antiga e o Ensino de História. Perspectivas e Diálogos: **Revista de História Social e Práticas de Ensino**, v. 2, n. 6, 2020

CARRETERO, M; RODRÍGUEZ, C. L. Estudios cognitivos sobre el conocimiento histórico: aportaciones para la enseñanza y alfabetización histórica. **Enseñanza de las ciencias sociales: revista de investigación**, p. 75-89, 2009.

CERRI, L. F. **Ensino de História e Consciência Histórica**. Implicações Didáticas de Uma Discussão Contemporânea. Edição: 1a ed. Rio de Janeiro: FGV, 2011

FREITAS, R. R. Aprendizagem histórica e cultura histórica: Contributos para investigações sobre o lugar da intersubjetividade na formação histórica. **História & Ensino**, [S. l.] v. 22, n. 2, p. 247-262, 2016.

FUNARI, R. S. Egito, uma civilização africana. In: Claudio Carlan; Pedro Paulo Funari; Lourdes Feitosa. (org.). **As veias negras do Brasil: conexões brasileiras com a África**. 2ed. Alfenas: Editora da Unifal, 2019, v. 1, p. 18-28.

FUNARI, R. S. **História Antiga no Ensino Fundamental**. Philía (Rio de Janeiro), v. 29, p. 1-3, 2009.

FUNARI, R. S. Onde está o Egito Antigo? Desafios do ensino de História. In: Cláudio Umpierre Carlan; Raquel dos Santos Funari; Filipe Noé Silva. (org.). **A África e o mediterrâneo antigo**. Aproximações contemporâneas. 1ed. Madrid: Novas Edições Acadêmicas, 2020, v. 1, p. 61-72.

GUARINELLO, N. L. **História Antiga**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

GUERRA, L. G. Reflexões sobre os sentidos dos passados distantes na formação de professores: o oriente e a antiguidade como imagens míticas. **Revista TransVersos**, [S. l.] n. 16, p. 148-166, 2019.

MOREIRA, A. F; DA SILVA, T. T. **Currículo, cultura e sociedade**. Cortez Editora, 1994

RÜSEN, J. Jörn Rüsen e o ensino de história. In: M. A. Schmidt, I. Barca, et E. de R. Martins (org.), **Jörn Rüsen e o ensino de História**. Editora UFPR, 2010

SAID, E. W. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SCHMIDT, M. A. M. dos S. Cultura histórica e aprendizagem histórica. **Revista Nupem**, [S. l.] v. 6, n. 10, p. 31-50, 2014.

SANTOS, D; KOLV, G; NAZÁRIO, J. J. O ensino e a pesquisa em História Antiga no Brasil: reflexões a partir dos dados da Plataforma Lattes. **Mare Nostrum**, v. 8, n. 8, p. 115-145, 2017.

SANTOS, D. **O ensino de História Antiga no Brasil e o debate da BNCC**. Outros Tempos – Pesquisa em Foco - História, v. 16, n. 28, p. 128, 2019.

SILVA, M. O. Base Nacional Comum Curricular: a história disputada em duas versões. **Revista do Lhiste-Laboratório de Ensino de História e Educação**, v. 5, n. 7, 2018.

SILVA, T. R. da. “O sorriso da esfinge: reflexões sobre o ensino do Egito antigo no Brasil”. In: **Revista Brasileira de Egiptologia**, Seshat, v.1, n.1, p.66-82, 2014.